

A TOPONÍMA COMO UMA FORMA DE RESGATAR A MEMÓRIA DO LUGAR

Beatriz Cristina Pereira de Souza¹

¹**Universidade Federal do Rio de Janeiro**
Departamento de Geografia
beatrizdesouza.ufrj@gmail.com

RESUMO

Este artigo busca evidenciar como o estudo dos topônimos e, conseqüentemente, das informações que deles podem ser extraídas revelam importantes características do processo de formação de um lugar. Pode-se afirmar que os nomes geográficos mostram as relações que se definem sobre o espaço, sendo utilizados pelos grupos responsáveis pela nomeação como estratégia para diversas finalidades. Nesse sentido, pretende analisar como os topônimos podem ser usados como artifício para resgatar a memória e construir identidades.

Palavras chaves: Toponímia, Identidade, Memória, Lugar.

ABSTRACT

This paper aims to evidence how the study of place names and therefore the information can be extracted from them reveal important aspects of the formation process of a place. It can be argued that the geographical names show the relationships that are defined on the space being used by the groups responsible for appointment as a strategy for various purposes. Thereby, we intend to examine how the toponyms can be used as a device to rescue the memory and build identities.

Keywords: Toponymy, Identity, Memory, Place

1. INTRODUÇÃO

Os topônimos, através da compreensão de suas origens e motivações, permitem que se estabeleçam diversas relações com os aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e naturais da área a que se referem. Essa área do conhecimento possui caráter multidisciplinar, apresentando relevância na Geografia, História, Linguística, Antropologia, Cartografia, entre outras ciências.

Os nomes geográficos, como também são designados, individualizam o espaço conferindo-lhe uma identidade própria que o diferencia do seu entorno. O ato de nomear é uma atividade humana e, dessa forma, traz consigo uma série de características que remetem a quem (indivíduo ou grupo) o nomeou. Sendo assim, resgatar as motivações que levaram à designação e seus significados podem evidenciar, entre outros aspectos, como se deu a sucessão de ocupação de um determinado território e as questões estratégicas envolvidas. Dessa forma, esta temática se mostra fundamental na medida em que auxilia a construção de um conhecimento que tem como base a formação do local e sua evolução até a atualidade.

Enfim, pode-se afirmar que os nomes geográficos mostram as relações que se definem sobre o espaço, sendo utilizados como estratégia para diversas finalidades. Eles refletem o caráter de uma paisagem humanizada, através de uma personificação própria, que a individualiza e a diferencia de qualquer outra área, passando, assim, a se constituir em uma linguagem geográfica fundamental que evidencia diversos aspectos sobre o espaço (MENEZES e SANTOS, 2006).

Diante do que foi exposto, o presente artigo pretende evidenciar como o estudo dos topônimos e, conseqüentemente, das informações que deles podem ser extraídas revelam importantes características do processo de formação de um lugar. Busca-se ainda analisar como os nomes geográficos podem ser usados como artifício para resgatar a memória e construir identidades.

2. OS TOPÔNIMOS E AS RELAÇÕES ENTRE O HOMEM E O ESPAÇO

Os mapas constituem um recurso fundamental para a Geografia, como salienta Carl Sauer *apud* Jörn Seemann (2010), sendo considerados a linguagem da Geografia. Diante desse contexto, os nomes geográficos são essenciais, já que, segundo Santos (2008), um mapa sem nomes é um mapa amorfo, sem alma, uma vez que, num simples par de coordenadas, posicionador de qualquer feição geográfica, não existe história; aspectos antro-po-culturais, lingüísticos e etnolingüísticos; socio-economia e jogos de poder.

Como ressaltado por Furtado (1957) a ação de nomear um lugar é essencialmente humana, estabelecendo, inicialmente, uma relação cultural, diretamente ligada à ocupação, posse e conhecimento do local ou área nomeada. Assim, percebe-se que os nomes geográficos extrapolam um simples desígnio, pois trazem consigo um legado que aponta para as relações estabelecidas historicamente sobre o espaço. Nesse sentido, Fernandez (1987) corrobora com esta argumentação ao afirmar que:

“O nome geográfico ou topônimo vai mais além da mera junção de palavras que importam para identificar um certo elemento da paisagem; alcança, na realidade, uma enorme transcendência, porque esta denominação traz implícito, em seu bojo, vários fatores e significados outorgados pelo homem.” (FERNANDEZ, 1987 *apud* SANTOS, 2008)

Após essas considerações sobre o ato de nomear lugares, cabe destacar o conceito de lugar trabalhado por Tuan (1974). Este autor discute o lugar como um espaço dotado de personalidade própria construída a partir da vivência do homem no mesmo, incorporando, assim, a dimensão humana ao espaço, destacando a idéia de vivência. Santos (2008) reitera que o lugar expressa um sentido de pertencimento às pessoas que nele convivem. Contribuindo, dessa forma, para a construção e consolidação de uma identidade espacial.

Ao compreender os topônimos enquanto um importante aspecto cultural de uma dada espacialidade e temporalidade, cabe ressaltar a afirmativa de Bourdieu de que:

“Os símbolos são instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos do conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social.” (Bourdieu, 1989)

A forma espacial simbólica trabalhada nesta pesquisa – os nomes geográficos – está intimamente associada a língua que é considerada por Herder (*apud* Gade, 2003) o mais importante meio para expressar a identidade de um grupo, referindo-se a um capital cultural coletivo. A linguagem é capaz de servir como instrumento através do qual os significados são criados, recriados e comunicados (Cassirer, 2001). Através dos nomes geográficos, então, a linguagem expressa os significados de lugares, da identidade e da cultura, de forma geral. Desta forma, verifica-se que a toponímia possui um enorme potencial de comunicação e que linguagem, poder e território articulam-se.

Os topônimos exprimem diversas relações que o homem estabelece com o espaço nomeado. Corrêa (2007) afirma que a toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural, sendo, então, um importante elemento identitário.

Dessa forma, no topônimo se materializa, sem dúvidas, a identidade do lugar, conforme Santos (2008) aponta. Afirma ainda que a identidade constrói-se a partir de determinados aspectos do conhecimento humano presentes na história, geografia, biologia e sociologia, de um indivíduo ou grupo. Os indivíduos deixam sempre bem claro, uns aos outros, as afirmações de suas identidades. Nesse sentido, Ledur et. al. (2011) argumentam que a identidade cultural é constituída por vários elementos; entre os quais, o cultural, o econômico, o político e o religioso.

Hogan *et. al.* discute sobre a dimensão coletiva do lugar, pontuando que:

“o lugar também possui uma dimensão coletiva, que diz respeito às relações históricas que a comunidade estabelece e demarca no espaço. Em vista disso, monumentos, ruas, edifícios, parques, rios, árvores, florestas, bancos de praça, um mastro ou mesmo uma paisagem podem constituir lugares relacionados à historicidade, à memória e à identidade de certo grupo. As experiências históricas são assim compartilhadas tanto pela religiosidade ou mística do lugar, quanto pelos fatos vinculados ou impressos naquela paisagem ou ambiente.” (Hogan *et. al.*, 2009, p. 167)

Diante do exposto, cabe mencionar a afirmação de Bossé que diz:

“A identidade assume um alcance geográfico novo, pela mediação conceitual do “sentido de lugar”. Porque participa inteiramente da vida dos indivíduos e dos grupos, o lugar influencia, até mesmo constrói, tanto subjetivamente como objetivamente, identidades culturais e sociais.” (Bossé , 2004, p. 166)

3. TOPONÍMIA E MEMÓRIA

Diante das considerações realizadas na seção anterior, verifica-se que os topônimos na medida que refletem as relações que o homem, enquanto grupo ou indivíduo, estabelece com o espaço, podem ser usados como artifícios para atingir diversos objetivos e, nesse sentido, pode ocorrer a construção e/ou reafirmação de identidades sócio-espaciais. Little (1994) ao afirmar que “os grupos humanos têm uma necessidade profunda de criar raízes em lugares específicos”, reitera essa idéia.

Hall (1992), ao trabalhar com as diferentes concepções de identidade, mostra que a identidade cultural está relacionada ao sujeito sociológico, assim menciona que:

“A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.” (Hall, 1992)

Nesse sentido, a memória pode ter grande apelo à consolidação de identidades uma vez que “deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (Pollak, 1992). Apesar dessa possibilidade de sofrer alterações, alguns elementos na memória coletiva são imutáveis, estes, na busca pela afirmação de identidades, se mostram os principais elementos a serem evocados, pois como mostra Pollak (1992) “tornam-se parte da realidade e passam a fazer parte da essência da própria pessoa”. A memória, então, se apresenta constituída tanto por acontecimentos pessoais que se relacionam com o indivíduo, quanto por acontecimentos vivenciados coletivamente, sendo estes últimos o foco das considerações deste artigo. Sobre esses acontecimentos Pollak (1992) afirma que:

“são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.” (Pollak, 1992)

Fazem parte da memória também personagens e lugares. Cabe destacar que os lugares podem ser usados como apoio a memória, ou seja, como auxílio no resgate de lembranças, um exemplo deste fato são os mausoléus. Dessa maneira, é substancial discutir o a noção de lugar de memória cunhada por Nora na década de 1990. Para o autor, os lugares de memória seriam lugares simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais, discute ainda que:

“Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.” (NORA, 1993: 12-13 *apud* Gonçalves, 2012)

Conforme, Andrade (2008) afirma, as memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares como referências e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções. A autora aborda ainda que os lugares de memórias e as memórias do lugar se conjugam em busca de instrumentos de reforço da identidade e da singularidade local.

No contexto desse debate, torna-se possível indagar como os nomes geográficos podem evocar memórias coletivas. Esta abordagem vai além do substrato material do lugar e perpassa sua denominação, revelando uma importante funcionalidade dos topônimos. Destaca-se, nesse âmbito, a não rara existência de topônimos que mencionem eventos marcantes da história como aqueles que remetem a datas comemorativas como, por exemplo, a proclamação da república ou da independência, ou ainda, que aludem a personagens históricos marcantes. Sendo os topônimos, então, capazes de perpetuar memórias. O estudo das motivações toponímicas e a estruturação histórica dos nomes podem revelar, inclusive, o surgimento de novas intencionalidades que visem preservar determinadas memórias em um dado momento em conformidade com objetivos específicos de uma ordem social dominante.

Estas considerações mostram que a memória e a identidade, são elementos que estão fortemente relacionados uma vez que são reflexo de construções sociais que interagem e mutuamente podem se reafirmar. Por sua vez, essas construções podem se refletir no espaço através de museus, monumentos, de forma geral patrimônios culturais, e também dos topônimos construindo, assim, os “lugares de memória” que, por sua vez, apoiam a consolidação e perpetuação das lembranças que são trazidas ao presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou trazer as discussões intrínsecas entre espaço, memória e identidade, ressaltando o papel que os topônimos podem adquirir nesse contexto. Os nomes geográficos são marcas culturais no espaço que proporcionam que o homem se identifique com o lugar e nele crie raízes, dessa forma traz consigo implicitamente a capacidade de resgatar memórias que sejam julgadas como relevantes para determinados grupos que vivenciem o lugar, podendo esse aspecto ser variável no tempo de acordo com a conjuntura social existente. Revelou ainda a possibilidade de diversas indagações e proposições de estudo que relacionem a noção de memória do lugar e a toponímia, ampliando as perspectivas de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. **Lugar de memória memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA.** Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural (Online), v. 6, p. 45, 2008.

BOSSÉ, Mathias Le. **As Questões de Identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas.** IN: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: UERJ, 2004

BOURDIEU. **O poder simbólico.** Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand BrasilDifel, 1989.

CASSIRER, E. **A Filosofia das Formas Simbólicas.** In: A Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 2001 (original em alemão, 1923).

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda.** In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Introdução à Geografia Cultural. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2007.

CÔRREA, R. L. (orgs.). **Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

FURTADO, Sebastião da Silva. **A Toponímia e a Cartografia. Ministério da Guerra – Diretoria do Serviço Geográfico.** Rio de Janeiro: 1960.

GADE, D. **Language, Identity and the Scriptural Landscape in Quebec and Catalonia.** Geographical Review, 93(4), 2003, pp. 429-448.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural.** Historiae: revista de história da Universidade Federal do Rio Grande, v. v.3, p. 27-46, 2012

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HOGAN, D. J. e MARANDOLA JR., E. **Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão.** Rev. bras. estud. popul. [online]. 2009, vol.26, n.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v26n2/02.pdf>. Acesso em: 10/01/2013.

LEDUR, F. A. P. ; Portes. C.R.P. ; S. R Carlos . **ALGUNS ELEMENTOS FORMADORES DA IDENTIDADE CULTURAL DO CONTESTADO.** In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 2011, RIO DE JANEIRO. Quem planeja o território?, 2011.

LITTLE, P.E. **Espaço, memória e migração. Por uma teoria da reterritorialização.** Textos de História, Vol 2. número 4. Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 1994.

MENEZES, Paulo Márcio Leal de, SANTOS, Cláudio João Barreto dos. **“Geonímia do Brasil: Pesquisa, Reflexões e Aspectos Relevantes”.** In: Revista Brasileira de Cartografia nº 58/2, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS, Cláudio João Barreto dos. **Geonímia do Brasil: A Padronização dos Nomes Geográficos num Estudo de Caso dos Municípios Fluminenses.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, IGEO, 2008.

TUAN, YI-FU. **Place: an experiential perspective.** Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable>>. Acesso em: 06/04/2011.